



## **Jornal Folha do Oeste: os “vivas” à ditadura e a defesa da liberdade de imprensa<sup>1</sup>**

Layse Pereira Soares do NASCIMENTO<sup>2</sup>  
Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR

### **RESUMO**

Estudar o Jornal Folha do Oeste de Guarapuava e suas posturas político-ideológicas diante da ditadura militar de 1964 é o objetivo desse trabalho que se baseia na releitura de suas notícias, reportagens, artigos e notas. Acompanhando o comportamento de grande parte da imprensa brasileira, que apoia a chegada do regime militar, o Jornal Folha do Oeste também dá “vivas” à ditadura e sai em defesa da liberdade e democracia. Essa linha editorial reflete diretamente a opinião e interesses de seu fundador, Antonio Lustosa de Oliveira, um dos principais difusores e defensores do Movimento Integralista em Guarapuava, surgido no Brasil em 1932, que repudia e combate o comunismo ateu. Uma leitura mais criteriosa possibilita verificar que um e outro artigo, dá pistas de descontentamento com a ditadura sem, entretanto, fazer um enfrentamento direto ao regime militar.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; ditadura; Folha do Oeste; história da imprensa; jornalismo.

Entre notícias, reportagens, artigos e notas, revela-se a forma de o jornal Folha do Oeste, de Guarapuava, pensar a sociedade. A história do fundador do jornal, Antonio Lustosa de Oliveira, se confunde com a trajetória e narrativa jornalística do periódico.

Lustosa pertencia à classe dominante de Guarapuava, composta por aqueles que controlavam a propriedade da terra e a produção social. “[...] essa classe também constituía o grupo político dominante local” (SILVA, 2008, p.17-18). Para Coutinho (2008), o significado político-cultural da imprensa em um dado momento histórico, não pode ser explicado sem um exame das relações econômicas que a emolduram.

O primeiro jornal de Guarapuava, O Guayra, foi fundado em 1893, pelo maçon Luiz Daniel Cleve. Em 1919, Lustosa funda o jornal O Pharol, que circulou por dez anos e ao mesmo tempo fundou o jornal literário Alvorada. Em 1924, põe em circulação o jornal O Momento. O jornal Folha do Oeste é fundado em 28 de fevereiro de 1937. A primeira linotipo chega à Guarapuava por ocasião da criação desse jornal. Em seus

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

<sup>2</sup> Jornalista e professora dos Cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Unicentro-PR, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ (Dinter UFRJ/Unicentro). Email: p.layse@hotmail.com.



estudos, a historiadora Walderez Silva (2008) relata que o jornalismo e as obras literárias que Lustosa produziu a respeito de Guarapuava impressionam pela intensidade com que iluminam a história política da cidade:

Nesse acervo há uma coleção de jornais por ele publicados desde 1919 até o final da década de 70. As edições, que eram semanais, refletem os jogos de poder local e a dimensão com que esses jogos foram afetados pelos grandes acontecimentos que se sucederam em escala estadual e nacional, permitindo esquadriñar a atmosfera política local e a maneira como esse personagem se situava nesse ambiente. As páginas desses jornais também trazem a marca visível do seu pensamento, revelando as estratégias e sutilezas do jogo político que adotou, buscando sempre sintonizar-se com as demandas do poder constituído. (SILVA, 2008:13-14)

Segundo Marcondes Filho (2009), criar jornais é encontrar uma forma de elevar a uma alta potência o interesse que têm indivíduos e grupos em afirmar publicamente suas opiniões e informações. “É uma maneira de se dar eco às posições pessoais, de classe ou de nações, através de um complexo industrial-tecnológico que, além de preservar uma suposta impessoalidade, afirma-se, pelo seu poder e soberania, como “a verdade”” (MARCONDES FILHO, 2009: 75).

O êxito de Lustosa como difusor dos princípios integralistas em Guarapuava se deve em grande parte ao fato de o jornal estampar em suas páginas, a defesa da causa, conforme aponta Walderez Silva :

Em 1937, o discurso integralista havia conquistado uma expressiva parcela da população de Guarapuava e de municípios vizinhos. Creditase ao jornal Folha do Oeste, fundado nesse ano por Lustosa, grande parte do sucesso alcançado na doutrinação e conseqüente adesão aos princípios pregados por Plínio Salgado. (SILVA, 2008:68)

Walderez Silva (2008) destaca que a Folha do Oeste foi o jornal mais importante mantido por seu fundador, Antonio Lustosa de Oliveira:

Além de sua circulação ter se mantido por mais de 40 anos, é por meio dele que se pode analisar tanto o percurso político do personagem, como observar em escala reduzida o efeito de grandes acontecimentos do período abrangido pela sua publicação (SILVA, 2008:71).

A edição de 10 de novembro de 1963, informa que Lustosa de Oliveira, tendo ocupado os cargos de prefeito municipal, deputado estadual, deputado federal, secretário de interior e justiça e atualmente presidente da Caixa Econômica do Paraná agora também atua como coordenador da campanha de JK-65 em todo o Paraná.



## Vivas à ação militar

Skidmore (1988:63) enfatiza que a “Revolução de 1964 foi entusiasticamente festejada pela maior parte da mídia brasileira”. A imprensa, quase de forma unânime (a exceção representativa é a do jornal Última Hora), dá “vivas” à ação dos militares, afirmando em inflamados editoriais, a legitimidade do movimento (BARBOSA, 2007:184).

Jornais importantes como o *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *Estado de S. P.* pugnavam abertamente pela deposição do governo Goulart. Não ficava atrás em sua oposição a cadeia de revistas, jornais e estações de rádio e TV dos “Diários Associados”. O único jornal importante que combateu o golpe foi o Última Hora, cujo diretor e fundador, Samuel Wainer, teve que fugir. (SKIDMORE, 1988:23)

Outros defensores do golpe, conforme relata Skidmore (1998:66) foram os advogados representados pelo seu órgão de classe, a Ordem dos Advogados, a hierarquia da igreja e o governo dos Estados Unidos que, por sugestão do seu “embaixador Lincoln Gordon, o presidente Lyndon Johnson enviou mensagens de congratulações a Ranieri Mazzilli horas depois de seu juramento como presidente em exercício”.

Além de apoiar o movimento militar, Barbosa (2007) diz que a imprensa se coloca no papel vigilante da ação democrática. “Cabe na construção vigente, à imprensa ser guardião da Constituição. Mais do que o poder de informação, de formar, os jornais se auto-atribuíram a função de vigilante das liberdades democráticas”. (BARBOSA, 2007:185)

Segundo Barbosa, nesse momento os jornais têm, sobretudo, uma função política. E a imprensa, ao se perceber “como ator político” (Aldé, 1997:40 *apud* Barbosa, 2007:185), se arvora “a não admitir e a não poder consentir, se auto-atribuindo um lugar de poder muito maior do que o de qualquer instituição”.

Essa postura é assumida pelo jornal Folha do Oeste, de Guarapuava, um ano antes do golpe militar. Em sua edição de 13 de janeiro de 1963, publica texto na primeira página, intitulado: Anarquia Salarial ou Anarquia Governamental?. Assinado por Fernando Mendes Filho, o texto, após fazer um retrato dos salários nominalmente altos, mas de reduzido poder de compra, critica uma fala de Hermes Lima que, segundo o jornal, pretendeu denunciar a suposta “anarquia salarial”.



Teria descido da Lua ou de algum foguete russo, o rubicundo Sr. Hermes Lima, quando pretendeu denunciar a alastrante “anarquia salarial”? Desconhece êle que essa “anarquia salarial” não é senão consequência da republicaníssima e notória anarquia governamental em contínuo envolvimento (sic) Ou o atento Primeiro Ministro desconhece o que vai pelo govêrno? Ou diligente Primeiro Ministro se ignora no govêrno da mesma forma que o povo o ignora no posto que ocupa, tal a discrepância de suas avermelhantes atitudes com os superiores interesses da Nação? “Anarquia salarial”? Sim, mas decorrente da anarquia governamental”. (Folha do Oeste, 13/01/1963, p. 1)

Na página 2, a coluna Retrato do Brasil, em uma série de notas relaciona órgãos do governo federal como Petrobrás, BNDE, Ministério da Fazenda, SPEVEA, “importantíssimo órgão que deveria providenciar a redenção da Amazônia”, Ministério da Agricultura e, em seguida, um relato de como os responsáveis por comandar esses órgãos são desonestos e incapazes.

E tudo é assim. Não há um negócio sério, honesto, indispensável, que não tenha de se “desfalcado” da respectiva comissão. E o sr. Jango Goulart assiste a esse espetáculo, sem uma palavra, sem um protesto, sem uma condenação. O país caminha para o caos (caminha ou já estamos nêle?) e não há uma só providência. (...) Pois o que há no Brasil de hoje é desordem, incapacidade, desonestidade, irresponsabilidade, levandade, o mais completo e espantoso despreparo para a vida pública. (Folha do Oeste, 13/01/1963, p. 2)

No mesmo ano, na edição de 2 de fevereiro, página 7, sob o título O Valor do Plebiscito, mais críticas aos rumos do país. O texto discorre sobre o impacto que a renúncia do ex-presidente Jânio Quadros causou ao país.

Não vamos analisar o gesto do Presidente renunciante. Sabemos apenas que estamos sentindo na carne, as consequências daquele ato. De lá para cá o Brasil praticamente parou. A vida aumentou de uma maneira alarmante e a nossa moeda que naquela época já sofria o impacto inflacionário, tornou-se praticamente quasi (sic) sem valor, trazendo consequentemente o rosário de apreensões e vexames com que atualmente se debate o povo brasileiro. (Folha do Oeste, 02/02/1963, p. 7)

O texto segue falando do legítimo direito garantido pela Constituição Brasileira, que os mandatários têm de renunciar, e no caso do presidente, do vice **tomar posse imediatamente** (negrito do texto original).

Estando o vice-presidente eleito, ausente do país, os ministros militares de então, em flagrante desrespeito às suas funções e à Lei, resolveram



pura e simplesmente não dar posse ao sr. João Goulart. [...] Se não fôsse a atitude enérgica e desassombrada do governador Leonel Brizola que juntamente com o Gal. Machado Lopes, digno comandante do III Exército, com sede em Porto Alegre, teríamos um golpe militar de nefastas consequências para a Nação [...].(Folha do Oeste, 02/02/1963, p. 7)

De acordo com o artigo, “para que não fosse dissolvido pelos golpistas, ou melhor pelos “gorilas” nacionais”, o Congresso Nacional “completamente desmoralizado”, por meio de um “Ato Adicional” (projeto do Deputado Raul Pila, com algumas modificações), impôs o regime Parlamentarista ao povo brasileiro. O Congresso marca para o dia 6 de janeiro um Plebiscito onde o povo vai votar pelo retorno ou não do Presidencialismo. A defesa do artigo é pelo NÃO ao Ato Adicional e, portanto, NÃO ao Parlamentarismo, que é o que acaba sendo vitorioso.

Barbosa (2007) argumenta que os jornais se auto-instituem como lugares de formação do leitor. Pelo combate, seja nos editoriais, seja nas notícias, produzem um sentido único para a cena política, não abrindo espaço ao diálogo.

O tom autoritário não comporta outras visões, além daquelas defendidas pelo periódico, multiplicando notícias em que reproduzem uma temática única\_o discurso de oposição\_com o propósito de impor uma percepção no momento histórico em que se vivia (Campos, 1996:60, *apud* Barbosa, 2007:181)

O importante para os jornais, segundo Barbosa (2007:186), é continuar a exercer o papel de direcionamentos da opinião do país, “funcionando como atores políticos privilegiados, já que sua orientação, sua opinião e, sobretudo, seus ecos discursivos é que tornam o mundo real para o leitor”.

### **Confiança traduzida em espaços**

Em 1964, Lustosa receberia de braços abertos o regime militar instaurado no país, como atesta discurso feito na inauguração da agência Souza Naves, em Curitiba, em abril desse ano. [...] declarou publicamente “a sua confiança no recém instalado governo militar” (SILVA, 2008:153).

Essa confiança se manifesta inclusive nos espaços destinados pelo jornal às manchetes e notas que objetivam saudar o novo regime. Em especial, no dia 5 de abril, a edição do jornal Folha do Oeste se mostra generosa com a ação militar, a começar pela sua manchete: Guarapuava vibrou com a chegada de seus soldados. Linha fina:



Apoteose Popular e Festa Pirotécnica \_Toda a Cidade se fez Presente a Rua 15 de Novembro para Receber o 1º E.I.C. \_Espetáculo Inédito Em Nossa Terra \_ Abraços e Lágrimas.

Diz o texto a seguir:

“Um espetáculo inédito presenciou toda nossa Guarapuava quando, sexta-feira última, a cidade se engalanou para receber os bravos componentes do 1º Esquadrão Independente de Cavalaria que, sob o comando do Capitão Juracy Wagner, se deslocou de nossa cidade, afim de preservar a liberdade e defender a causa democrática”.(Folha do Oeste, 05/04/1964, p. 1)

A notícia explica que a iniciativa de recepcionar e homenagear os valentes soldados que chegaram de ônibus foi da Câmara Municipal. A rádio Difusora tratou de convidar o povo a comparecer “à praça pública, tributando assim a sua homenagem àqueles que deixaram os seus lares em defesa dos altos interesses da pátria”. Destaca-se ainda que “representantes de todas as classes, autoridades civis, eclesiásticas, jornalistas, vereadores, esperavam os bravos soldados para tributar-lhes justa e merecida homenagem” (Folha do Oeste, 05/04/1964, p. 1).

Na parte inferior do jornal, um texto (reproduzido abaixo tal qual o original) equivalente a um editorial intitulado “Justo Agradecimento”, em caixa fechada:

Dias de ansiedade e expectativa passou o povo brasileiro, quando da deflagração de um movimento em que, de um lado se situavam as forças da democracia, da esperança, da liberdade, e de outro, a dos agentes de Moscou. Povo de índole excencialmente (*sic*) democrática, nossa gente, nesses dias, sentiu a espera do triunfo das forças do bem, numa ansiedade que fazia todos sofrer o pensamento de uma possível vitória daqueles que queriam derrotar a democracia. Mas – disse bem alguém – Deus é brasileiro. Soube Ele atender ao pedido dos fiéis em suas orações plenas de devoção. De fâto, dificilmente, com tanta devoção, com tanto respeito, tantos lançaram seu pensamento ao alto para pedir ao Todo Poderoso que ele trouxesse a harmonia, a felicidade para o povo brasileiro, preservando aquilo que lhes é mais caro – a liberdade. Com a vitória das fôrças democráticas, em todos os semblantes, ou em quasi, todos ve-se a expressão de alegria, de verdadeira euforia. E isto porque todos compreendera, souberam entender a importância da liberdade, da livre manifestação de opinião, de livre transito, de poder manifestar abertamente os seus pensamentos. Mais amadurecido ou mais esclarecido, soube o povo brasileiro repudiar a taça de fél que lhe éra oferecida. E venceu a democracia. E vencemos nós com o direito de continuarmos a viver como bem desejamos, fazendo aquilo que queremos ou gostamos. Justo é, portanto, que prestemos o nosso preito sincero de agradecimentos a todos àqueles que estiveram unidos e vigilantes nesses dias, preservando para nós, para a



nossa pátria êste maravilhoso regime que é o da Democracia. (Folha do Oeste, 05/04/1964, p. 1)

Os soldados foram vitoriosos na defesa da democracia, da liberdade, da manifestação de opinião, de pensamento, de livre trânsito contra o fantasma do comunismo, no texto, representado pelos “agentes de Moscou”. A imprensa mais uma vez se coloca no papel de guardiã da ação democrática.

Logo abaixo da manchete: Dia dois de maio o Congresso elegerá novo Presidente. [...] “segundo parlamentares será possivelmente um líder militar que desvinculado de qualquer interesse político partidário, teria melhores possibilidades de organizar um ministério de alto gabarito [...]”.(Folha do Oeste, 05/04/1964, p. 1)

Na mesma edição: o extenso relato de Renato Küster, secretário do vice-prefeito sobre uma viagem à Curitiba. O secretário não economiza elogios, generais são heróis da pátria; ao governador Ney Braga atribui “atitude de autêntico líder nacional” e diz que coube às mulheres, mães, a “esplêndida demonstração cívica na marcha por Deus e pela Liberdade”. (Folha do Oeste, 05/04/1964)

E, finalmente é publicada, sob o título “Manifesto do Governador Ney Braga”, uma declaração de apoio ao regime militar. “Sabemos o que queremos e também o que não queremos. E o Paraná não quer agitação, não quer subversão, não aceita o desrespeito às leis, à disciplina e à hierarquia militares, aos ideais democráticos e às tradições cristãs dos brasileiros”. (Folha do Oeste, 05/04/1964)

Sobre o ex-governador Ney Braga, que “sobreviveu ao golpe de 1964 como homem de confiança do regime” (DUARTE; HELLER, 2000:77) vale apresentar dois episódios. Ney Braga foi Ministro da Agricultura de Castelo Branco e da Educação de Ernesto Geisel que posteriormente o indicou para governador indireto. Foi ainda presidente da Itaipu binacional. Em fevereiro de 1964, quando “nuvens negras já despontavam no horizonte político”, o então governador Ney Braga enviou ao Rio de Janeiro, dois homens (um coronel e um major, sendo o primeiro secretário de Viação) para sondar o ambiente nos meios políticos e militares, conforme relatam Duarte e Heller (2005:55):

Na volta, ambos disseram em reunião do secretariado que a posição de Jango era sólida, porque o seu dispositivo militar era “inexpugnável”. Diante disso o governador foi ao Canal 6, TV Paraná, no dia 19 de março para dizer que “as forças armadas estão aí para defender o regime democrático e a legalidade que sempre defenderam”.



Quando João Goulart é deposto 12 dias depois, Ney Braga dá novas declarações em 1º de abril: “o Brasil está livre e nele vingará a democracia cristã” (DUARTE; HELLER, 2000:56). O jornalista Gilberto Dimenstein, no livro *As Armadilhas do Poder*, analisa precisamente essa relação de homens que estão no poder com a imprensa e o jornalista:

Não raro os profissionais, até mesmo os mais experientes, sucumbem às mentiras, contra-informações, deturpações e boatos. A informação é uma arma na guerra da sobrevivência política. [...] O sonho dos homens que mexem com o poder é serem considerados impecáveis e infalíveis diante da opinião pública. Não apenas por vaidade, mas pela necessidade de sobrevivência – sem um mínimo de apoio ninguém se sustenta em seu cargo, deixando de ser ministro ou perdendo a reeleição a uma vaga no Congresso. (DIMENSTEIN, 1990:29)

No caso apresentado de Ney Braga, evidencia-se principalmente o esforço do homem público em não se indispor contra o regime que assume o poder. É o que Dimenstein em sua experiência de jornalista afirma: “necessidade de sobrevivência”. Além de reparar a fala do dia 19 de março de 1964, com outra entrevista concedida imediatamente após a confirmação do golpe militar, o ex-governador prepara o Manifesto onde apresenta o apoio incondicional do estado do Paraná aos militares e suas decisões políticas.

Cabe ressaltar, que o jornal do dia 05 de abril, publica pelo menos quatro grandes matérias (proporcionalmente ao número de páginas do veículo), mais um artigo, sobre o mesmo assunto. Entretanto, as informações se apresentam de maneira fragmentada, desconexa, sem um fio ordenador. Segundo Marcondes Filho (2009:113), os “processos fragmentados de transmissão noticiosa quebram a lógica dos fatos entre si; estes são tomados no seu aparecimento imediato e perde-se a dimensão de uma totalidade que os subsuma e os explique”.

Marcondes considera que a produção fragmentada de notícias, na verdade é uma técnica que procura desvincular a notícia de seu fundo histórico social. Essa técnica simplifica os fatos e desinforma as pessoas.

No dia 19 de abril de 1964, a edição da Folha do Oeste traz a manchete\_ “Na Presidência da República, o Marechal Humberto Castelo Branco”. Uma frase do general Peri Bevilacqua: “Há esperança em todos os olhares e em todos os corações”. O marechal é apresentado como: “Soldado, inteligente, culto, resoluto, sereno e democrático, possui títulos que o credenciam”. Logo abaixo outro título: “Paraná tem Ministro”, Flávio Suplicy, professor e ex-reitor da Universidade Federal do Paraná



assume o ministério da Educação e Cultura. Ainda na capa: “Presidente grande amigo do Paraná”, o texto breve procura ressaltar que “o Presidente tem inúmeros amigos no Paraná”.

À página 3: Mensagem do sr. Prefeito Municipal Nivaldo Krüger à Corporação do I Esquadrão Ind. Cavalaria; na 6, artigo: Democracia Cristã, assinado por Lourival Santos Lima (apresentado na edição de 26 de abril como distinto colaborador e jornalista). Novamente, as notícias e/ou artigos desta edição, parecem compartimentalizadas diante da ausência de entrelaçamento entre elas. No entanto, as diferentes matérias apresentadas têm como base uma única ocorrência histórica.

Na Folha do Oeste de 26 de abril, de 1964, manchete: Concedido o Título de Cidadão Guarapuavano ao Capitão Wagner; na página 2, Homenagem à Mulher Brasileira – Padre Dionísio Chacon, SDS; página 5, Homenagem às Forças Armadas; Magnífica mostra de civismo da Loja Maçônica de Guarapuava, página 6, O Brasil tem Homens! \_ Lourival Santos Lima. Por meio dessa edição, onde pelo menos dois textos não foram produzidos pelos profissionais do semanário, seria possível dizer que a falta de articulação entre os temas tratados no jornal, reflete as limitações do fazer jornalístico de uma época. Pode até ser, em partes. É preciso não esquecer que o jornal, mesmo que tenha debatido problemas do município e defendido campanhas, nasce para atender a um objetivo político-ideológico de seu fundador.

### **A ditadura do elogio**

O que parecia ser uma defesa incontente da “Democracia” e das “Liberdades”, começa a emitir alguns acordes diferentes. As palavras de ordem se repetem, mas dentro de novos significados. Na edição de 20 a 26 de maio de 1966, à página 7, a coluna: Noticiário Nacional estampa o título, Arena tem Candidato– com foto de Costa e Silva seguido de nota de que ele certamente substituirá o presidente Castelo Branco.

Logo abaixo novo título, despretensioso quase não chama atenção e que será parcialmente reproduzido, a seguir, procurando preservar a forma como foi publicado no jornal:

#### **Dois anos depois**

Houve uma revolução no Brasil há dois anos, a revolução de 31 de março de 1964.

E passados os 25 meses o que se vê?

Mudou a situação do país?

Vivem dias melhores os brasileiros?



*Há paz e tranquilidade na nação?*

São perguntas que exigem, para serem corretas as respostas, uma análise mais acurada da conjuntura brasileira\_ análise complexa à primeira vista, mas que se torna facilmente equacionável, à medida que se enumerar e coordenar fatos e situações evidentes e inequívocas.

**O que falta fazer**

Tem o Brasil a pecha de país subdesenvolvido (trecho retirado do jornal Folha do Oeste, edição de 20 a 26 de maio de 1966, p. 7).

O texto continua dizendo que o termo correto é uma “Nação em Desenvolvimento”. Afirma que muita coisa precisa ser feita, mas há o reconhecimento de que o governo militar não poderia solucionar em dois anos tantos problemas: problemas sérios na educação; milhões de famintos, milhões sem teto; milhões não dispõem de assistência médica; sistema de transporte falho, produção agrícola e produção industrial aguardam ser “centuplicadas”. Relacionados os problemas, o artigo ressalta que pecam os brasileiros que, com mentalidade paternalista, recorrem ao governo para resolver todos os problemas ao invés de somar esforços na comunidade, tornando muito maior e mais difícil a tarefa “dos responsáveis pela condução dos destinos do país”.

Por isso há que se considerar que nem tudo foi feito. Que há muito por fazer. A todos os brasileiros\_ principalmente aqueles bem intencionados e de boa formação\_ cabe uma responsabilidade nessa hora\_ examinar isentos de ódio e imbuídos de compreensão, o verdadeiro “status quo do país”. (Folha do Oeste, edição de 20 a 26 de maio de 1966, p. 7)

Na mesma edição: A coluna A Verdade e o Rui, do jornalista e professor Lorival Santos Lima, lança questionamentos acerca de uma imprensa atrelada ora ao governo, ora a líderes oposicionista, sendo que ambas não aceitam críticas, só elogios:

Quando Rui escrevera êsse libelo \_ que é a “Imprensa e o dever da verdade” \_ por certo os tempos eram outros. Mas, hoje, os homens e os fatos são, mais ou menos, os mesmos...[...] Esquece-se porém que estamos em relação à imprensa \_ salvo exceções honrosas que confirmam à regra geral \_em quasi (*sic*) ditadura. Os jornais governistas ou subvencionados pelo governo não permitem críticas aos atos dos que estão no poder. Os jornais oposicionistas, por sua vez, não divulgam críticas dos líderes de oposição. Só admitem, uns e outros, o elogio. É a ditadura do elogio. (Folha do Oeste, edição de 20 a 26 de maio de 1966, p. 8)

O jornalista, que escreveu tantas homenagens aos “homens de verdade”, às mulheres, aos militares, parece ter chegado à exaustão:

Os poderes políticos e econômicos procuram monopolizar a imprensa, escrita ou falada; e tudo o que disser respeito à Cultura, ou à Pátria, à



Liberdade e à Verdade \_de que nos fala Rui \_ onde publicá-los? Que diferenças, neste setor, entre a ditadura comunista ou não comunista? Os próprios jornalistas, como nós, sabem-nos (sic), que em boa verdade, a grande maioria dos órgãos de publicidade estão assim limitados pela ditadura do poder. E ninguém deve ser acusado por êsse estado de coisa, em que vivemos. (Folha do Oeste, edição de 20 a 26 de maio de 1966, p. 8)

O texto de Lorival Lima afirma que causas profundas criaram o clima social e político que nos envolve, cita *Leviatã*, de Thomas Hobbes, e fala de um Estado “opressor de todos os homens, que passam a servi-lo, ao invés de por êle serem servidos”. E finaliza o artigo:

Que Deus nos de fôrças para evitar essa hipertrofia do poder, que ainda não chegou ao apogeu. Pois ainda é tempo! Comecem por salvar a liberdade de Imprensa, para que se possa dizer a verdade, acima dos intêresses particulares e grupalistas, seja ela qual fôr \_ que seja benvinda! (Folha do Oeste, edição de 20 a 26 de maio de 1966, p. 8)

O jornalista, em seu texto, fala de ditadura do poder, opressão, comunista, governista, oposicionista, sem jamais mencionar os militares, mas está certo de que o apogeu da ditadura militar ainda não chegou. Sérgio Mattos (2005) lembra que:

Durante os governos militares, os atos institucionais tiveram importante papel no controle dos veículos de comunicação de massa pelo Estado. O artigo 16 do Ato Institucional nº 2, de 27 de outubro de 1965, baixado pelo general Castelo Branco facultava ao presidente, além de outros poderes, o de violar a liberdade de imprensa. (2005:17)

Pouco mais de um mês, na edição de 27 de junho a 04 de julho de 1966, sob o título: *Revolução pela Democracia*, novamente o jornalista Lorival Santos Lima sai em defesa da liberdade e democracia, em nome das quais, todos os sacrifícios se justificam:

Tudo pela Liberdade e a Democracia! E por essa razão também, desde cedo, contra qualquer forma de Ditadura, inclusive a comunista, salvaguardar o futuro pelo sacrifício do presente. Atos institucionais, cassações são justificáveis àqueles que amam êste País, sem ambições ou egoísmos (Folha do Oeste, de 27 de junho a 04 de julho de 1966).

A partir de 1968, ano em que foi decretado o AI-5 (Ato Institucional nº 5), “a censura política tornou-se radical e implacável”, segundo Marcondes Filho (2009:43).



## Considerações finais

No domingo, 16 de junho de 1963, o Editorial Qual dos três?, trata “do idealista Lustosa de Oliveira, que em 1919 criou seu primeiro jornal O PHAROL ponto de partida para 44 anos de imprensa útil na terra de Guairacá”, e despede-se de seus leitores. A coluna Canto de Cisne, assinada por João do Planalto, também se despede, informando que depois de 26 anos de existência o Jornal deixa de circular, “porém, o seu glorioso e vitorioso título fica doado pelo seu fundador à quem dêle realmente deve pertencer: Guarapuava!” O Editorial e a coluna foram publicados na primeira página.

O jornal volta a circular no dia 28 de julho de 1963, sob o mesmo nome, com seis páginas, sendo nº 1, Nova fase, agora sob a direção do jornalista Yalo Cabral. Em 1966, a edição de 20 a 26 de maio, novamente volta a circular o jornal, João do Planalto anuncia na coluna Do Meu Canto o “renascimento” do jornal.

João do Planalto, segundo Walderez Silva( 2008:157), era um “personagem do qual Lustosa lançava mão quando tinha a intenção de se comunicar de modo simples e coloquial com os leitores, [...]”. A adoção desse pseudônimo, explica Walderez Silva (2008:14), “reflete a intenção do autor de estabelecer um certo distanciamento entre o discurso oficial do criador e o discurso da criatura, que transitava em torno das projeções de um cidadão comum, “João”, sobre a cidade, Guarapuava, localizada no terceiro “planalto” paranaense”.

Indícios de culpabilidade faz com que, em junho de 1964, Lustosa seja cassado em seus direitos políticos, exonerado de suas funções pelo presidente Castelo Branco e tenha sua prisão decretada.

Entretanto, as nuvens negras que se aproximavam de Lustosa, logo iriam dissipar sua a confiança na incipiente ditadura militar. Ele que transitara, com impressionante desenvoltura, em momentos históricos críticos, como o período do Estado Novo e a redemocratização pós 1945, foi golpeado duramente pelo regime militar, no qual depositara a sua fé e esperança. (SILVA, 2008: 154)

O Semanário Folha do Oeste conseguiu alcançar um alto grau de popularidade em Guarapuava, sobretudo durante o período em que contribuiu para a divulgação e cooptação de integralistas, conforme nos relata Walderez Silva (2008). Na pequena cidade do interior, “castigada pelo difícil acesso geográfico, isolada de outros centros, com escassos recursos de transportes e comunicações [...], o que mais restaria à população letrada, senão promover discussões em torno da pauta do jornal?” (SILVA, 2008: 71).



O jornal que recebe a ditadura militar de 1964 de braços abertos, parece não perceber a mudança de um jornalista que, antes solidário ao sistema imposto pelo golpe, agora, solitário, protesta contra todas as formas de ditadura, inclusive a comunista, contra todas as formas de censura à liberdade de imprensa, e pelo direito de dizer a verdade, tal como defendeu Rui Barbosa.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

COUTINHO, Eduardo Granja. **A Imprensa e Hegemonia na Primeira República**. In: Comunicação e História: interfaces e novas abordagens. Ana Paula Goulart Ribeiro e Micael Herschmann (orgs). Rio de Janeiro: Mauad, 2008.

DIMENSTEIN, Gilberto. **As Armadilhas do Poder\_ Bastidores da Imprensa**. São Paulo: Summus editorial, 1990.

DUARTE, Maria de Los Angeles González; HELLER, Milton Ivan. **Memórias de 1964 no Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2000.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser Jornalista: a língua como barbárie e a notícia como mercadoria**. São Paulo: Paulus, 2009.

MATTOS, Sérgio. **Mídia Controlada: A história da censura no Brasil e no mundo**. São Paulo: Paulus, 2005.

SILVA, Walderez Pohl da. **Entre Lustosa e João do Planalto \_ A arte da política na cidade de Guarapuava (1930-1970)**. Tese/UFF/2008. Disponível em: [http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2008\\_SILVA\\_Walderez\\_Pohl\\_da-S](http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2008_SILVA_Walderez_Pohl_da-S)

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Castelo a Tancredo, 1964 a 1985**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

Folha do Oeste de Guarapuava\_ edições: 1963 (13/01/63; 02/02/63; 10/11/63); 1964 (05/04/64; 19/04/64; 26/04/64); e 1966 (de 20 a 26 de maio, de 27 a 04 de julho). Disponível no Centro de Documentação Histórica da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, Paraná.